

Na capa, desenho do pintor José Escada. Homenagem de *Século de Ouro* ao pintor e à colecção «Círculo de Poesia», da Moraes Editores, a mais relevante da edição de poesia em Portugal na segunda metade do século XX.

SÉCULO DE OURO

ANTOLOGIA CRÍTICA DA POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

organização de

OSVALDO MANUEL SILVESTRE

e

PEDRO SERRA

Título: *Século de Ouro*
Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX

© dos Autores, 2002
© Angelus Novus, Editora e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2002
Reservados todos os direitos

Capa e sobrecapa: Silva! designers
Paginação: Maria da Graça Manta
Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 792-795-045-0
Depósito Legal: 185380/2002

Angelus Novus & Cotovia
Braga Coimbra Lisboa

típica da poesia de Fernando Assis Pacheco — de que nem mesmo essa amargura deve ser levada demasiado a sério.

Procurando sintetizar — e agora sim concluir —, ficamos, pois, em face de um poema cuja viagem corresponde a um regresso do sujeito a si mesmo — um regresso que tenta estabelecer um difícil diálogo com o «Fernando Assis Pacheco» do passado enquanto se aproxima de Coimbra, mas que, mesmo sem o conseguir (ou talvez precisamente por não o conseguir), se dá a ler no seu jogo de espelhos como a evocação de um fantasma que para o apressado jornalista de 1986 ainda está suficientemente vivo para lhe acenar «com um ramo de rosas», à espera de si mesmo na «ponte de Santa Clara» (vv. 3-4), ensinando-lhe que um hiato de vinte ou trinta anos pode caber por vezes em vinte ou trinta versos. E não será esta, afinal, uma das lições da poesia?

Fernando Pinto do Amaral

ÁLVARO DE CAMPOS

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar-entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.

Um internado num manicómio é, ao menos, alguém.
Eu sou um internado num manicómio sem manicómio.
Estou doído a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.

Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano?

Está maluco.

Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!

30 Por exemplo, a por aquele manipanso

Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.

Era feiíssimo, era grotesco,

Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.

Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —

35 Júpiter, Jeová, a Humanidade —

Qualquer serviria,

Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?

Estala, coração de vidro pintado!

16-6-1934

De Fernando Pessoa, *Obras Completas:*
Poesias de Álvaro de Campos, 1944.

Poema tardio em que a vida se espelha e não se acha, identificando-se apenas como existência anômica e sem rumo. Poema, aliás, já sem máscaras, ou mantendo apenas o disfarce irónico de outro nome, há muito tempo colado ao próprio — até se tornar hábito essencial, isto é, modo de ser e de se manifestar do sujeito. Poema, enfim, dominado desde o início pela angústia, pelo horror absoluto frente a um vácuo apresentando-se como única realidade que se pode constatar e viver, na falta total de sentido, no desmoronamento de qualquer suporte lógico.

Poema trágico, talvez, se sobrasse pelo menos a possibilidade da tragédia neste mundo esfrangalhado, cheio de fendas através das quais sopra o vento terrível da insensatez, da solidão excepcional e exceptuada, da dissipação total de qualquer ponto de referência, seja mesmo a referência impontual e ambígua de um pensamento trágico. Poema, por isso (*et pour cause...*), sem nome, porque qualquer definição, porque qualquer título não poderia pre-escrever ou definir o que o texto tenta dizer sem conseguir ir além da pura comprovação da latência essencial da linguagem.

Fernando Pessoa encontra-se aqui, de facto, na fase final da sua parábola poética e existencial, no término fatal das suas tentativas de articular uma verdade particular, de erguer uma realidade imaginada e própria, apagando a incoerência e a banalidade dum mundo entregue ao falso optimismo, à arrogância dos donos ou à resignação dos que se contentam apenas com o troco que podem meter nas algibeiras — «crentes enérgicos» em Algo que é apenas a alcunha de um Nada sem redenção. E o uso do heterónimo, nessa vertigem de anulação que toma o poeta cansado de sonhar, nesse pessimismo caudal suspendendo-o à beira da morte, é apenas um índice a mais, um sinal a mais do fracasso de «sonhos que são loucura / porque não são sonhos».

Estamos, em suma, diante do Fim: do desfecho duma esperança, da conclusão fatal duma utopia, do limite extremo duma tentativa de reconstrução

do sujeito na dispersão controlada de uma série de identidades fictícias, entre as quais jogar o jogo infantil duma realidade postiça. Estamos, de facto, no beco sem saída da nossa condição humana, da nossa identidade irreversível que, numa ilusão pueril, nós imaginámos poder dilatar até esconder os contornos da nossa miséria material e espiritual, do nosso ser apenas quem somos: «Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou».

O que domina esse espaço sem horizonte, o que ensopa esse tempo parado, o que volta a alagar essa dimensão extrema é, obviamente, apenas a angústia, a «velha angústia» que o poeta sonhara poder segurar no seu viver disperso e concentrado, no seu ser uno e plural, mas que, pelo contrário, escapa a qualquer controle, sendo o cerne oculto, o fundamento único do nosso precário estar-no-mundo. Por isso, o poema é também a constatação de uma impossibilidade; o texto é habitado pela consciência aguda da inutilidade das tentativas de ir além dos limites, de fugir à mediocridade da existência refugiando-se num mundo imaginário, num quarto de dormir mobilado com pedaços de existências virtuais, cheio de bonecos vestidos com os trapos de vidas eventuais. E nessa constatação da impraticabilidade dos sonhos, nesse naufrágio das ilusões vemos assomar novamente a máscara terrível do tédio, da aflição sem objecto, percorrendo toda a história humana — visto que a Melancolia de que nos falamos obsessivamente os autores antigos, aquela doença secular e sem remédio invadindo e cancelando o sujeito, imobilizando-o numa calma enfeitiçada e «demoníaca», pode ser considerada uma manifestação particular desse mal-estar sem causa aparente que encontramos, depois, no âmbito da modernidade.

Spleen, enfado, desassossego (para utilizar mais uma palavra pessoana): outros nomes para dizer «esta velha angústia, esta angústia que trago há séculos em mim» e que, aqui e agora, se materializa «em lágrimas, em grandes imaginações, / em sonhos em estilo de pesadelo sem terror, / em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum». Toda a poesia novecentista, de facto, toda a poesia acompanhando o nascimento e a parábola trágica deste «século breve», presta testemunho dessa sensação de anulação do *eu*, de aniquilamento da identidade, ou melhor, dessa «experiência fundamental do nada». Uma definição, esta, que nos vem de Heidegger, o grande investigador daquela sensação angustiante que, todavia, é *fundamental*, no sentido também de condição preliminar e necessária, de experiência abismal dum *fundamento* recalcado sobre o qual assenta a existência.

O filósofo alemão, aliás, coloca a si mesmo esta pergunta radical: «Verifica-se realmente no ser existencial do homem um estado tal, em que ele seja levado diante do próprio nada?». E a resposta é a seguinte: «Ele pode verificar-se realmente — embora de modo bastante raro — apenas em momentos daquela disposição fundamental que é a *angústia*». Um *estado*, então, e não apenas uma *sensação*, algo que vai muito além do simples medo, porque apesar de tudo o «ter-medo» é sempre um «ter-medo-de...»: uma condição que identifica tanto o objecto quanto o sujeito, que os «situa», isto é, que os prende a uma situação «determinada». A angústia, pelo contrário, é «a essencial impossibilidade de qualquer possível determinação»: um terror espantado e estupefacto sem nenhum limite ou saída, sem mesmo aquela agitação marcando o medo, visto que o que angústia é um todo indiferenciado, uma totalidade que é, justamente, o Nada («não fica nenhum suporte; fica apenas e cai de repente sobre nós — no sumiço do que é — este 'nada a que se agarrar'»).

«Na angústia», conclui provisoriamente Heidegger, «nós ficamos *suspensos*. Ou melhor: a angústia nos mantém suspensos (...), não *tu* nem *eu*, mas *se* é tomados pelo espanto». E Pessoa — no seu anonimato que o apanha justamente no meio da proliferação das identidades, no silêncio habitando o núcleo do seu diálogo imaginário — confirma:

«Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar-entre,
Este quasi,
Este poder ser que...
Isto.»

Para logo depois esclarecer:

«Um internado num manicómio é, ao menos, alguém.
Eu sou um internado num manicómio sem manicómio.
Estou doído a frio.
Estou lúcido e louco.
Estou alheio a tudo e igual a todos:
(...)
Estou assim...»

Então, a experiência fundamental, a proximidade ao Nada no afastamento ou na inconsistência de Tudo, abre-se, também para o poeta, nessa condição «intervalar»: nesse baloiçar entre as instâncias (entre *eu* e *tu*, sendo apenas uma entidade sem nome, um «*se é*»), nesse ondear entre dois extremos. Mais uma vez, porém, é aqui, nesta ambiguidade sem remédio, que podemos descobrir a força misteriosa da linguagem, a sua capacidade essencial de dizer aquilo que a palavra, dizendo, se e nos obriga a esconder: porque o fundamento aniquilador sobre o qual assenta Tudo, sendo o Interdito, encontra todavia o modo de «inter-dizer-se», de falar-nos entre.

Omnis locutio ineffabile fatur afirmavam os antigos, expressão que nós, modernos, poderíamos ainda traduzir como «toda palavra mostra apenas o Nada», ou seja, cada *querer-dizer* nos coloca diante daquela impossibilidade que se oculta e se manifesta nas dobras do *dizer*. É esse o «mistério terrível» e, justamente, angustiante de que Pessoa fez experiência e que nos *indica* no sentido mais pontual deste verbo: «Isto», pronome demonstrativo, deíctico chegando depois de uma série de outros deícticos («*este* estar-entre, *este* quasi, *este* poder ser que...»), resultados, por sua vez, duma «velha angústia» que é, desde o início, «*esta* velha angústia»). Algo, enfim, que é apontado pelo dedo, mostrando aquela Coisa, próxima e todavia sem nome, que a palavra, dizendo, se proíbe de dizer — «se interdiz», afinal. Apanhar *Isto* («das *Diese nehmen*») significa, como esclareceu Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, apanhar e dar voz àquele Nada que, por isso mesmo, se descobre como *Nonada* (*Não-nada*), como experiência de Algo que é no seu não-ser.

A pura indicação é portanto a cifra última daquela condição inefável (ser não sendo e/ou não-ser sendo) em que Pessoa é jogado desde o início e que ele tentou teimosamente combater no seu infinito desdobramento poético, na sua inter-locução com os fantasmas gerados por uma imaginação salvante, compensadora em relação (ou contra) aquela percepção angustiante do Nada que agora, no fim da sua trajetória humana e literária, volta a assomar na sua lancinante evidência. *Isto* — que ele já colocara como título dum poema famoso, em que tentava justamente exorcizar («Sentir? Sinta quem lê»), para si mesmo e para os leitores da *Presença*, a sua velha angústia — volta, então, a dizer a Falta que nenhum nome, nenhum heterônimo pode preencher; que nenhum fetiche de identidade, nenhum manipanso

«feiiíssimo» e «grotesco» consegue já esconder; que nenhuma religião ou crença, enfim, chega a colmatar.

Hoje, na iminência do Fim, o poeta é apenas *esta* Falta, é *este* Intervalo, é *este* Estar-entre: homem que grita a sua impossibilidade de sair do «quasi», Maluco que já não sabe «quem de quem» foi mas que sobrevive no paradoxo de ser quem ele é. Hoje, e talvez para sempre, Pessoa está *assim* (mais um deíctico...): está como o sinal neutro dumã condição sem nome, está como a indicação angustiante do Nada que o — e que nos — institui.

Ettore Finazzi-Agrò